

# Pelourinho e Tabuão – cenas e cenários

*Pelourinho and Tabuão – scenes and sceneries*

Carlos Augusto Magalhães

UNEB – Brasil



**Resumo:** Os conceitos de “lugar” e “não-lugar” (Marc Augé) constituem um dos operadores de leitura dos dois textos contemporâneos que se debruçam sobre o centro velho de Salvador, especialmente o Pelourinho e o Tabuão. O primeiro – fragmento da corrente de internet “Salvador, para aprender e se divertir”, divulgado após o carnaval de 2011. O segundo – o conto “O visitante invisível” de Carlos Ribeiro. Com humor, a corrente aponta o esvaziamento da região central e seu distanciamento da vida cotidiana. Configura-se o “não-lugar”. A narrativa empreende trânsitos também através da geografia do centro velho, mas o itinerário eleito adota uma perspectiva bastante singular, uma vez que se desenham significativas interligações com experiências existenciais do passado. O instante flagrado tece uma temporalidade subjetiva, articulada com um tempo de experiências emocionais. Estabelece-se o “lugar”.

**Palavras-chave:** Contemporaneidade; Pelourinho; Tabuão; Lugar; Não-lugar

**Abstract:** The concepts of “place” and “no place” (Marc Augé) comprise one the tools to do the reading of two contemporary texts which look into the old town of Salvador, especially Pelourinho and Tabuão. The first – extract from an internet chain known as “Salvador, learning and having fun” – Salvador, para aprender e se divertir – which was on the net right after the carnival of 2011. The second – a tale named “O visitante invisível” – The invisible visitor – by Carlos Ribeiro. Displaying some humor, the text points out the old town fleeing and its withdrawing from everyday life. Thus, a “no-place” is established. Such narrative also builds on remarks through the geography of the old town of Salvador, but the chosen itinerary adopts a quite unique perspective, given that meaningful connections with past life experiences are depicted. There is a subjective temporality. Thus, the “place” is set.

**Keywords:** Contemporaneity; Pelourinho; Tabuão; Place; No-place

---

Colocar em cena o Pelourinho e o Tabuão normalmente remete o leitor a palcos de importantes representações literárias da década de 1930, produções em que tais espaços são recuperados a partir de estágios de contraposição à Bahia dos reurbanizados e elegantes bairros contíguos às praias, novo endereço da elite migrada do velho centro, agora zona desprestigiada e abandonada.

Trazendo esta leitura para o campo de análise aqui, de imediato, alguns questionamentos se instauram: que Pelourinho e que Tabuão<sup>1</sup> seriam estes cujas abordagens aqui pretendidas estariam para além dos enfoques conhecidos, principalmente os das produções da década acima apontada? Até que ponto as novas focalizações poderiam significar olhares outros, destoantes das recriações cujas verossimilhanças captam, mapeiam e

---

<sup>1</sup> A propósito, traremos aqui elementos que busquem explicar a origem das denominações destes dois componentes da morfologia urbana do centro antigo de Salvador. O Pelourinho guarda estreita relação com o pelourinho, objeto cilíndrico de madeira edificado no meio da praça. Esta localização possibilitava a visão do que ali acontecia estivesse o observador em qualquer ponto do entorno. Da parte superior do objeto pendiam argolas, onde se prendiam as mãos dos escravos a serem

---

castigados com chibatadas – espetáculo apreciado das janelas dos casarões e que merecia não pequena e pouca atenção. O designativo Tabuão provém das tábuas que funcionavam como pinguelas, ou seja, pontes toscas de madeira sobre um rio. As tábuas colocadas sobre o Rio das Tripas (hoje canalizado) que atravessa a região eram grandes e largas, o que facilitava e oferecia certa segurança à realização do intenso trânsito.

procedem à hierarquização dos espaços da cidade real?<sup>2</sup> Em que aspectos estas novas perspectivas construiriam visões mais abrangentes, não maniqueístas e não polarizadas e para além das percepções das fronteiras determinadas por sistemas econômico-sociais tidos como responsáveis pela degradação socioexistencial? Que Tabuão seria este, representado diferentemente da área degradada e miserável, etapa derradeira da crescente queda da prostituta na sua trajetória plena de fatalidades?

Os textos destacados cujos fragmentos se seguem – imagens e reflexões sobre o centro velho da Salvador contemporânea – talvez possam oferecer indícios de esclarecimento. Talvez possam se apresentar também como rotas através das quais se realizaria o percurso aqui pretendido. O primeiro fragmento é parte da bem-humorada corrente de internet – “Salvador, para aprender e se divertir”! – que circulou na cidade logo após o carnaval de 2011. Entre as imagens e expressões que se referem ao baiano, aos artistas, aos políticos e à cidade, destaca-se a que se segue, relacionada com o centro antigo de Salvador:

CENTRO HISTÓRICO – consiste em Pelourinho e adjacências. É habitado somente uma vez por ano, no carnaval. Durante o resto do ano, somente turistas têm a disposição de subir as ladeiras do Pelourinho para ver o Elevador Lacerda ligar o nada com lugar nenhum.

O segundo texto é uma narrativa literária, mais precisamente um conto intitulado “O visitante invisível”, de autoria do jornalista, escritor e professor Carlos Ribeiro (2010). Esta narrativa também empreende trânsitos através da geografia do centro velho de Salvador, mas o itinerário eleito adota uma perspectiva bastante singular. Assim, há o enfoque de um Tabuão diferente do universo costumeiramente trazido para as representações – cenário de degradação social, humana e existencial –, “a cidade do vício”, conforme tematização de Carl Schorske (1989). Acrescente-se a estas, outra leitura bem contemporânea – a de região violenta. O retorno ao tempo-espaço especificado no conto – Pelourinho e Tabuão de 1963 – traz de volta, do ponto de vista da objetividade dos fatos do mundo exterior, o olhar que revisita os locais como áreas habitadas que desfrutavam de nítida inserção no cotidiano da cidade<sup>3</sup> e nas quais havia convivialidade.<sup>4</sup>

A região é assim representada no conto:

Escuta. Façamos de conta que você possa tornar-se invisível. E que possa fazer uma viagem no tempo. Você desce, agora a ladeira do Pelourinho, vê? É um dia qualquer de 1963. O céu tem uma intensa luminosidade avermelhada. Uma menina, com um vestido amarelo, toca acordeom na janela de um sobrado. Um bêbado

dorme na calçada próxima à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos. Os casarões são velhos e desbotados. Homens vestem roupas brancas. Sinos tocam nos ares finos da velha Salvador.

Você passa pela banca de revistas. Desce a Rua Silva Jardim, no Taboão. Chega em frente ao Plano Inclinado do Pilar. Um homem, com grande bigode grisalho, bebe grapetti com o filho no bar que fica no andar térreo do edifício Bola Verde. Ele compra doces e chocolates. É sábado e ninguém, senão você, carrega um passado que ainda não existe. [...] Talvez por isso quase se possam ouvir sussurros nas varandas e nas sacadas dos casarios [...] (RIBEIRO, 2010: 21).

Pode-se afirmar que ambos os textos, entre outras temáticas, expõem e qualificam os modos e jeitos de se vivenciar e se experienciar<sup>5</sup> as categorias do tempo e do espaço na Salvador contemporânea. O primeiro faz a leitura

<sup>2</sup> Os espaços recortados nos romances urbanos de Jorge Amado são locais reais de Salvador. Trata-se de regiões que compõem a geografia da cidade, possíveis, portanto, de ser recuperados fora do universo romanesco. A técnica do *close-up*, como mecanismo de “apresentação textual do espaço” só faz somar na configuração do real, que se deseja imprimir, já que a Salvador dos anos trinta vive certa problemática social e a cartografia da cidade os espaços recortados também ostentavam traços de degradação. A referência ao Tabuão como espaço degradado aparece em *Bahia de Todos os Santos* (1945), texto de Jorge Amado considerado não ficcional, mas também em seus romances *Suor* (1934) e *Jubiabá* (1935). Nestas obras aquela artéria é representada como o estágio derradeiro no percurso desolador da prostituta. Ir morar em certas partes do Tabuão significava chegar ao estágio último da queda – ao se instalar ali, só lhe restariam o abandono, a doença, a miséria total e a morte. O sentido da distinção entre “espaço real” e “espaço ficcional” aqui trazido fundamenta-se no estabelecido em REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*.

<sup>3</sup> Em *Bahia de Todos os Santos*. Guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador, p. 99-100, assim Jorge Amado se refere ao Tabuão: A ladeira do Tabuão para aqueles que a sobem desde a cidade-baixa, economizando o tostão do elevador, se divide em duas etapas. A primeira vem até o alto do elevador, em meio à ladeira. A segunda parte dali (ou de um pouco antes, onde a ladeira faz um cotovelo) e vem até o sopé da ladeira do Pelourinho. A Ladeira do Tabuão, durante as horas do dia, joga gente na Baixa dos Sapateiros e dela recebe gente em busca da cidade-baixa. São casas altas, cinco e seis andares, sobradões antigos [...] Escadas escuras de onde chega um bafo de bolor, de coisas velhas e sujas [...] Em meio a um formigueiro de gente que sobe e desce, vive um comércio pobre [...] artesãos, remendões de sapatos, santeiros [...] Os andares superiores abrigam uma variada população de pequenos empregados no comércio, operários, marítimos, pobres de todas as espécies, as prostitutas mais acabadas também. Como o subtítulo já esclarece, o livro seria um guia de turismo por meio do qual a cidade seria apresentada a uma visitante, uma turista, portanto. A ela serão mostrados, conforme realça o guia, o pitoresco e a dor. Assim, nada seria ocultado.

<sup>4</sup> GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras e FERNANDES, Ana. “Pelourinho: turismo, identidade e consumo cultural”, p. 54. Os autores comentam os vários processos de investida e recuo na área do Pelourinho. Eles destacam, citando os resultados de uma pesquisa fundamentada, inclusive nos jornais da época, um processo de repovoamento do Pelourinho, nas décadas 1950 e 1960. Tal processo reivindicava um Pelourinho branco, arrematam os autores.

<sup>5</sup> O conceito de *experiência* remonta à leitura que Rouanet faz da obra de Walter Benjamin, um dos críticos da produção de Baudelaire, em: ROUANET, Sérgio Paulo: *Édipo e o anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin*. Ao analisar o texto de Benjamin, Rouanet relaciona os princípios ali expostos com a teoria freudiana, buscando, assim, estabelecer correlações entre memória e consciência, no propósito de uma crítica da cultura. A experiência caracteriza-se por ser a esfera na qual a memória acumula impressões, sensações, sentimentos, excitações que jamais se tornam conscientes, e que transmitidas ao inconsciente

do estágio em que se encontra atualmente o centro antigo da cidade, o centro histórico, expressão com que as autoridades administrativas e políticas nomeiam a zona primeira da urbe colonial. De feição oral e com raízes no imaginário popular, a corrente observa, com certa leveza, não apenas o despovoamento e a neutralização da efervescência do Pelourinho, aspecto anteriormente constatado dada a consistente presença de turistas. A corrente vai mais longe e focaliza também o esvaziamento das funções antes exercidas pelo centro da cidade como um todo, de que redundam nos dias atuais sua visível ausência no cotidiano da população baiana.

O comentário postado na internet traz um humor não desprovido de ironia e de perplexidade. Afinal, num passado não tão distante – cerca de dezoito, dezenove ou vinte anos atrás –, o centro antigo foi submetido a mais uma interferência, esta realmente de peso. Empreenderam-se a restauração, ou melhor, a reedificação e a revitalização de um dos mais importantes cartões postais da cidade. A área não só é um significativo exemplário da arquitetura colonial portuguesa como também é a mais completa representação da arquitetura e escultura barrocas no casario, ruas e igrejas de uma cidade da América do Sul. Além disso, buscou-se dotar o local de sólida infraestrutura, pensando-se, sobretudo, na sedimentação da indústria do turismo, até porque a população que lá vivia foi desalojada e teve que desocupar as casas. Inegavelmente, aquele local encravado no centro vem a se transformar num grande chamariz de visitantes para Salvador, cidade com comprovada vocação para a chamada indústria sem chaminés.<sup>6</sup>

deixam nele traços mnemônicos duráveis, isto é, recursos que facilitam a aquisição e a conservação da memória. A memória e a experiência são, assim, elementos preservadores das raízes e da identidade do ser. Pertencem à esfera da *vivência* as impressões cujo efeito de choque é interceptado pelo sistema percepção-consciência, que se tornam conscientes, e que por isso mesmo desaparecem de forma instantânea, sem se incorporarem à memória. O choque assim amparado, assim interceptado pela consciência, daria ao acontecimento que o desencadeou o caráter de vivência, no sentido eminente. Quanto maior a participação do elemento de choque nas impressões individuais, menos essas impressões são incorporadas à experiência, e mais elas satisfazem o conceito de vivência. Essa interpretação da teoria freudiana do choque constitui o fio condutor da crítica cultural de Walter Benjamin. A partir da concepção benjaminiana, o mundo moderno se caracteriza por atingir situações e níveis nos quais o choque aparece constante, contínua e intensamente nos diversos domínios da vida social e individual. Os conceitos foram tematizados a partir de leituras da modernidade. As demandas aí trazidas se intensificam na contemporaneidade, denominada de supermodernidade, pós-modernidade, modernidade líquida, modernidade reflexiva. A análise e discussão destes conceitos não constituem objeto deste texto.

<sup>6</sup> Milton Santos refere-se a esta interferência, destacando-lhe o objetivo central: o “rejuvenescimento [...] do velho centro adaptado às exigências do turismo e dos turistas” na conferência “Salvador: centro e centralidade na cidade contemporânea” apresentada no Seminário Pelourinho: O Peso da História e Tendências Recentes, organizado pelo Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da UFBA no verão de 1994. Como se observa, o Seminário ocorreu no início da efervescência que o Pelourinho vai viver ao longo da década de 1990. A publicação decorrente do Seminário é *Pelo Pelô: história, cultura e cidade*, de 1995.

Convém afirmar que o explicitado acima é um momento-auge de celebração, de orgulho e de elevado sentimento de autoestima do povo baiano. O Pelourinho se vê compartilhado como espaço de lazer por excelência e, neste sentido, é frequentado não só por turistas, mas também pela população da cidade em geral, destacando-se a importante presença da classe média. Este é um momento em que as representações artísticas, em especial as produzidas pela chamada *axé music*, enfaticamente também se voltam para a região. Não foram poucas as canções que já na segunda metade dos anos 1980 e, principalmente, ao longo de todos os anos 1990 ressaltaram o encantamento, a beleza e a magia do velho centro.

Sim, o Pelourinho, como “parte” da metonímia, passa a ser o depositário de um significativo capital simbólico de que o “todo” Salvador passa a se revestir. Afinal, a cidade é considerada como a de maior população negra fora da África, lembra a assertiva clichê. Irmanando-se com demandas de afirmação identitária, de valorização da cultura e de sedimentação da própria autoestima da população negra, surgem e ganham espaço e vitalidade ali algumas das entidades carnavalescas e instituições outras cujas motivações brotam de raízes africanas – os blocos afros do carnaval baiano.

O Pelourinho, uma das áreas da sociedade escavagista, torna-se deste modo uma geografia simbólica por excelência de onde emerge a força da cultura que ganha voz e repercute da cidade para o mundo. Efetivamente, estes grupos artísticos valorizam as tradições e as raízes e não deixam esmaecer os propósitos de integração e de contribuição para a melhoria das condições de vida das classes populares, principalmente do povo negro.

Estão ainda bastante atentos à força e ao poder dos meios de comunicação de massa, da publicidade e da indústria cultural. Nesta direção, estabelece-se um diálogo profícuo de que resulta o grande consumo dos produtos dos grupos de música e dança afros, chancelados como de excelência artística e arrolados como adequados para fins e propósitos de circulação. O fluxo daqueles produtos no mercado ganha peso a partir da incisiva atuação da mídia e da publicidade. Estes veículos vão colocá-los no patamar dos objetos dotados de qualidades tais, que passam a ser bens culturais desejados e usufruídos por espaços outros, bem além da Bahia e do Brasil.

A requalificação da área é indiscutível, mas o imperativo que a motiva e a desencadeia se prende a propósitos bem mais generalizados, pois articulados com propostas e interesses globalizados de que podem resultar estágios de impessoalidade e de fragmentação. Aderidos à cultura do consumo, aqueles processos costumam se fazer presentes também em quadros de fomentação do turismo de massa. Assim, a ideia disseminada de convivência no Pelourinho traz no bojo também as marcas e os

traços próprios de contatos massificados resultantes das necessidades do turismo. Neste sentido, facultam-se condições favoráveis à instalação e à manutenção de um comércio padronizado que se alia ao desfrute de produtos materiais e de bens culturais e simbólicos. Convém observar também que não poucas vozes qualificam aquele momento como o de um Pelourinho festivo e sonoro identificado com estágios de apagamento da dor e do sofrimento pretéritos.

Entre outras razões, pode-se afirmar que a presença de um público flutuante contribuirá para a estruturação de esferas de recolonização do Pelourinho. Neste sentido, o local gradativamente vai se transformando em área na qual transita uma população pulverizada, constituída predominantemente de turistas. Referindo-se a eles, Milton Santos (1995: 16) afirma: “[...] os turistas são os homens de lugar nenhum, dispostos a estar em toda parte e que começam a repovoar, recolonizar, a refuncionalizar e a revalorizar, com a sua presença e o seu discurso, o velho centro”.

Neste sentido, muitas das antigas residências foram ressemantizadas em decorrência daquela refuncionalização. Assim, casas e ruas passam a ser ocupadas e percorridas por grupos de visitantes ávidos por consumir história e bens da indústria cultural, superficialmente que seja. Nesta ótica, também o passado se transforma em objeto a ser usufruído, uma vez que, como observa Renato Cordeiro Gomes (2004: 3), a partir de elaborações de Marc Augé, “[...] a supermodernidade reduz o passado a um espetáculo, curiosidade passageira no tempo de um percurso”.

Não importa que o rápido *tour*, em última análise, nada mais seja que o aligeirado contato com monumentos, prédios, igrejas e, também, com pessoas da cidade devidamente paramentadas com trajes típicos. Enfim, no geral, concretizam-se encontros fugazes com paisagens, imagens e pessoas já vistas nos prospectos turísticos, na televisão, na internet. A estadia ali, sem dúvida, vem a significar e muito como também representará bastante a captação e o congelamento daquele instante, a ser lembrado por fotos e imagens de viagem.

Em consonância com estas demandas, o Pelourinho se estandardiza, isto é, busca se adequar aos padrões de um turismo articulado com propostas seriais e esquemáticas. Isto faz com que o local venha a se transformar em produto a ser mirado e fruído de modo uniforme e direcionado.

Na relação metonímica de parte do todo Salvador, o Pelourinho, como de resto todo cartão-postal, se ressemantiza, tornando-se também uma ilha dentro do todo urbano. Na verdade, aquela parte da cidade assume hoje certo caráter de excepcionalidade, levando-se em conta as próprias limitações físicas, principalmente se confrontadas com as excelências morfológicas e simbólicas de outros

locais flagrados pelo imaginário da classe média e pelo olhar pragmático, arguto e especulador. Por tudo isto, na economia da geografia da Salvador atual, aquele espaço não assumiria funções outras que não as de natureza simbólica e identitária. Enfim, na capital baiana como em outras cidades, acentuam-se processos de reificação do solo urbano.

Eis uma das formas de se lidar com o espaço, principalmente a partir do crescimento e da melhor estruturação da vida urbana. Assim, já na modernidade e talvez de modo mais intenso na contemporaneidade, vivenciam-se e experienciam-se (cf. ROUANET, 1981) contatos bastante inusitados não só com o espaço, mas também com outra importante categoria, a do tempo. Na obra “*Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*”, o antropólogo francês Marc Augé (2004) afirma que a supermodernidade – múltipla e complexa – seria determinada pela ação de três transformações dotadas de grande rapidez e de densa interligação.

Em primeiro lugar, mudou o modo como principalmente o Ocidente se relaciona com o tempo. A palavra em si talvez seja uma das mais utilizadas no cotidiano, pensando-se sempre no seu sentido quantitativo, dimensionado pelas convenções dos minutos, horas, meses, anos, décadas, séculos. Hoje mudaram principalmente a concepção e a compreensão desta categoria. Neste sentido, mudaram não apenas a utilização que se faz dela, mas também os modos como dela se dispõe. Como afirma o antropólogo, a sensação de rapidez,

[...] isto é, [...] a aceleração da história corresponde de fato a uma multiplicação de acontecimentos, [o que vale dizer que se vivencia, por um lado, o mar de informações, o excesso], [...] a superabundância factual da nossa informação e, por outro lado, as interdependências inéditas do sistema-mundo (AUGÉ, 1994: 31).

A segunda transformação refere-se às novas relações com o espaço, uma vez que na supermodernidade vivencia-se a superabundância espacial, a qual, contraditoriamente, dialoga com o “[...] correlativo encolhimento do planeta, [...] porém no mesmo tempo o mundo abre-se para nós”. Esta dimensão de excesso estabelece transformações bastante significativas. Nesta direção, o caráter da pluralidade espacial “[...] se expressa [por intermédio] da mudança de escala”, a qual decorre não só do crescente e sofisticado avanço tecnológico, responsável pela possibilidade de deslocamentos rápidos, eficientes e constantes, mas também da diversidade de “referências energéticas e imaginárias” (AUGÉ, 1994: 33).

Tais mudanças produzem ou até determinam alterações na configuração espacial: multiplicam-se os

deslocamentos internos e externos, os fluxos migratórios, o turismo de massa. Tais processos podem desencadear situações de desterritorialização, fragilização identitária, sentimento de desenraizamento, vazio e perda de referências. Nesta direção, potencializam-se novos modos de contato com o espaço de que podem resultar “vivências” instáveis e transitórias.

Assim, aumenta assustadoramente o número de espaços da não duração, da não consistência, da não permanência, em que se vivenciam contatos apressados e sem profundidade. Trata-se de locais onde ocorre o fluxo aligeirado de pessoas, bens, serviços, prazeres, modismos: terminais de ônibus, trem ou metrô, aeroportos, hotéis, barzinhos, *points* da moda, lojas de conveniência de postos de gasolina, motéis, *shopping centers*. Entram em cena também espaços cuja utilização programada e padronizada costuma transformá-los em centros de atividades massificadas, entre os quais se destacam locais turísticos, áreas de *shows*, centros de consumo de produtos da indústria cultural, pontos de lazer etc.

A terceira transformação alude às possibilidades de saída dos estágios de perda de referência e de uniformização. Frente a práticas de massificação a que o indivíduo é submetido no cotidiano, apresentam-se possibilidades de personalização e agrupamento. Instauram-se processos de recuperação e recomposição de pertinências as quais individualizam e congregam. Estes estágios desencadeiam formas de singularização e funcionam como contraponto à homogeneização e à mundialização da cultura.

As abordagens até aqui ilustram ou referendam a afirmativa segundo a qual na supermodernidade, também nomeada como pós-modernidade, modernidade líquida, modernidade reflexiva, “vivenciam-se” relações desestabilizadoras do espaço.

Assim, ao mergulhar no afrouxamento dos papéis e sentidos anteriores, o Pelourinho, espaço-símbolo – o “lugar da memória” – por excelência, abdica de suas funções. Esta desintegração faz com que aquele mundo em vias de desterritorialização tenda a se apresentar agora sob aspectos de diluição, próprios do “não-lugar”. Os dois conceitos destacados foram cunhados pelo teórico francês:

Se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não-lugar. A hipótese aqui defendida é a de que a supermodernidade é produtora de não-lugares, isto é, de espaços que não são em si lugares antropológicos e que, contrariamente à modernidade baudellairiana, não integram os lugares antigos: estes, repertoriados, classificados e promovidos a “lugares de memória”, ocupam aí um lugar circunscrito e específico (AUGÉ, 1994: 73).

Focalizando-se a relação da cidade com o Pelourinho hoje, observa-se por parte da população um sentimento de não interação, de não pertencimento e de não vinculação. De local compartilhado passa a ser visto e rotulado como gueto étnico, fechado em si mesmo e preso às demandas de sedimentação e manutenção da identidade negra. Ao lado do afastamento das camadas médias, ou talvez também por conta disso, o centro velho volta a conviver com a degradação física, humana, social e existencial.

Anteriormente já se fez menção ao papel da classe média na sociedade brasileira contemporânea. Indiscutivelmente, ela exerce funções fundamentais na construção e manutenção do imaginário urbano. Assim, assume importância capital a atitude daquelas camadas no concernente à eleição e à utilização dos espaços nos seus trânsitos diários. Destaque-se aqui a densidade das interações em que se enreda o binômio classe média e espaços fechados de consumo e de lazer, em especial o *shopping center*.

O que foi mostrado até aqui traz a constatação de uma tendência que vem ganhando forma não só nas urbes brasileiras. Nos dias de hoje, não poucas cidades ocidentais têm se aliado ao movimento de debandada dos lugares anteriormente tidos como espaços de confluência. Tais áreas passam a ser vistas como de utilidade e sentido esmaecidos e diminutos no dia a dia do universo urbano. Privilegiam-se locais outros a serem frequentados e habitados massivamente, o que demonstra a eleição e a ocupação pontuais de determinados espaços, haja vista o *shopping center*, em detrimento do esvaziamento e abandono de outros tantos.

Na perspectiva de leitura desta realidade, Martín-Barbero, elaborando também reflexões tecidas por Canclini, tematiza e qualifica aquele estágio de desvanecimento a partir da noção de “desurbanização”, conceito que

[...] indica a redução progressiva da cidade realmente usada pelos cidadãos. O tamanho e a fragmentação conduzem ao desuso por parte da maioria não apenas do centro, mas de espaços públicos carregados de significado durante muito tempo. A cidade vivida e gozada pelos cidadãos se estreita, perde seus usos (MARTÍN-BARBERO, 2004: 291).

A afirmativa de Martín-Barbero fomenta reflexões que reforçam as análises a que se procederam sobre o centro velho de Salvador. Referenda-se a leitura daquele espaço a partir da noção de *locus* deslocado, sem maiores funções utilitárias e talvez até destituído de significado, numa leitura de boa parte da massa populacional da cidade. Detendo-se especificamente nos centros históricos, Martín-Barbero (2004: 290) cunha ainda o conceito de descentramento. Esta noção corresponde à “perda do

centro”, expressão com que ele nomeia e qualifica, entre outros aspectos, senão o esvaziamento, o abandono e a derrocada total daqueles espaços, mas sua recuperação apenas para turistas, boêmios, intelectuais etc.

Noutra direção, o tempo e o espaço se imbricam sobremaneira no conto “O visitante invisível”. Assim, o substantivo composto – tempo-espaço – torna-se mais adequado para se proceder à especificação do momento flagrado – o ano de 1963 – num espaço recortado do centro – o Tabuão. O instante referido desenha uma temporalidade subjetiva, articulada com um tempo de experiências emocionais. O *locus* recuperado, diferentemente das abordagens recorrentes de outras representações, aqui se ressemantiza como espaço bachelardiano por excelência.

Anteriormente se fez menção à intensa evocação da categoria temporal no cotidiano. Neste sentido, Eduardo Socha observa que o mundo atual impulsiona relações quantitativas com o tempo, ligadas a uma linha sequencial de eventos. Na contramão desta “vivência”, ganha terreno a “experiência” segundo a qual há “[...] uma sucessão ininterrupta de momentos qualitativos que não são divisíveis entre si, que se misturam uns aos outros e se organizam [na] memória com um aspecto único e intraduzível” (SOCHA, 2010: 67-68). Assim, instantes captados pelo relógio são sempre iguais entre si; quando vividos, são sempre diferentes. E Socha (2010: 67-68) acrescenta: “[...] vivemos o tempo de um jeito, mas geralmente o pensamos de outro: esse enunciado, banal apenas na aparência, deu esteio a paradoxos recorrentes na história da filosofia”. Vive-se no tempo, mas sem saber o que ele é. Eis o impasse.

Santo Agostinho, “[...] que fez filosofia como teólogo, e fez teologia como filósofo” e é considerado um dos grandes pensadores do tempo na Antiguidade, explicita o entrave:

Que é, pois, o tempo? Quem poderá explicá-lo clara e brevemente? Quem o poderá apreender, mesmo só com o pensamento, para depois nos traduzir por palavras o seu conceito? Quando dele falamos, compreendemos o que dizemos. Compreendemos também o que nos dizem quando dele nos falam. O que é, por conseguinte, o tempo? [E o teólogo-filósofo afirma]: “[...] se ninguém me perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fez a pergunta, já não sei (SANTO AGOSTINHO, 1996: 322).

Um aspecto do tempo, no entanto, não gera impasses, não desencadeia questionamentos: a “experiência” temporal é processada interiormente, isto é, rege-se por referências internas (cf. AYOUB, 2010: 64). Noutra direção, constata-se que o cotidiano quase sempre estabelece “vivências” com o tempo, isto é, concretizam-se contatos interligados

com atitudes pragmáticas, imediatistas e desprovidas de componentes de sedimentação e de ressonância, pois esgotáveis no instante de concretização de si mesmas.

É na perspectiva da recuperação da experiência espaço-temporal que o personagem-narrador do conto empreende o trânsito aqui referido. Num percurso ficcional que em momentos beira o fantástico, o narrador como condutor ativo do enredo vai esboçando contornos, clarificando-os às vezes, explicando-os totalmente, nunca.

Na realização do itinerário a que se propõe, vai destacando elementos que o ajudam a retomar traços e eventos daquele instante. Na verdade, o que também se busca ali é a recuperação do sentido da própria trajetória existencial. Assim é que há a lembrança de objetos que lhe permitem o retorno àquele tempo-espaço pleno de significações. Procede-se à citação das “coisas”, isto é, empreende-se não somente o resgate de possíveis hábitos de uma família de classe média da época, mas também de elementos outros com que se intenta caracterizar a Salvador daquele momento – década de 1960: o refrigerante grapetti, o jogo de botão das crianças, a televisão grande com frisos dourados, a antiga geladeira GE, o disco de Carlos Gonzaga na radiola, a travessa de farofa de ovo com manteiga do jantar e as fatias de parida do café da noite. Nesta direção, busca-se estabelecer relações entre os sentidos e a experiência.

Nesta perspectiva, Milton Santos evoca o conceito cunhado por Husserl – “a questão pela coisa” – para observar que se fazem “[...] perguntas ao tempo, de outro lado, perguntas aos objetos. Mas o que prevalece mesmo são as perguntas ao tempo, porque os objetos são tempo cristalizado. Os objetos trazem até nós o tempo que os criou” (SANTOS, 1995: 13). Efetivamente, os objetos são instrumentos com que se aciona a memória, depositária de sensações, sentimentos, impressões, enfim. Há, desta forma, a recorrência a elementos a princípio captados pelos sentidos e, posteriormente, sedimentados no inconsciente do personagem. Os objetos – componentes mnemônicos, “tempo cristalizado”, como se vê – concedem possibilidades de recuperação no presente de certa plenitude do passado, jogo temporal com que se busca fazer frente às ameaças de perda de referências e às vivências de desidentificação atuantes no presente.

O conto esboça relações íntimas que se captam na distensão dos tempos do “eu” experienciados pelo personagem-narrador. Na verdade, como observa Eduardo Lourenço, numa proposta de leitura mais abrangente,

[...] esboçam-se modulações da nossa relação de seres de memória e sensibilidade com o Tempo. Ou antes, com a temporalidade, na perspectiva de uma ação direcionada à incorporação de sentimentos ou experiências universais. Configura-se, deste modo, o tempo humano (LOURENÇO, 1999: 12).

Esta temporalidade atua diferentemente dos modos explicitados na noção que vê o tempo apenas como sucessão inevitável. Na verdade, “o tempo humano” empreende jogos da memória e é constitutivo dela, assumindo, desta forma, funções que atuam na desmontagem, na suspensão ou pelo menos na neutralização da irreversibilidade do tempo.

É a partir das articulações e entrecruzamento entre tempo e memória que o autor descreve três categorias fundamentais, três modalidades de relação, produtos da condição de ser da memória de que o homem é dotado – a saudade, a nostalgia e a melancolia. E Eduardo Lourenço observa (1999: 13): “[...] é o conteúdo, a cor desse tempo [o tempo humano], a diversidade do jogo que a memória desenha na sua leitura do passado, o que distingue a nostalgia da melancolia e estas duas da saudade”.

As três categorias constituem esferas identificadas com o “[...] voltar-se para o passado, lembrar-se, [o que] não é nunca um ato neutro” (LOURENÇO, 1999: 13). Como se vê, a relação com o tempo pretérito não é mera referência ao acontecido ou uma despreziosa alusão a um indício de fato passado. Além de não neutro, tal retorno, tal volta assume também feições e dimensões muito próprias, muito singulares. Neste sentido, Eduardo Lourenço (1999: 13) salienta: “[...] os regressos específicos da melancolia, da nostalgia, da saudade são de outra ordem: conferem um sentido ao passado que por meio delas convocamos. Inventam-no como uma ficção”.

A saudade se caracteriza por se apresentar certamente como a modalidade mais conhecida e a mais invocada no cotidiano. Pode-se afirmar também que ela seria a categoria olhada com mais simplicidade. Talvez porque, como lembra Eduardo Lourenço (1999: 23), seja “[...] uma espécie de perturbação deliciosa que decorre da ausência de um bem e não da negação ou da recusa desse bem”. Não se perca de vista, no entanto, que a saudade é também um sentimento e que

[...] todos [eles] relevam mais ou menos da inquietação, da perturbação, e afastam o homem do bem supremo – “paz da alma”, o acordo consigo mesmo. [Assim], ficará sempre no coração do amor a sombra do desassossego, que não é outra senão a sombra do Tempo, de que a saudade é de certa forma a Musa (LOURENÇO, 1999: 23 e 28).

Finalmente, a saudade deve ser entendida “[...] como um jogo da memória afetiva, e neste sentido deve ser olhada não pela perspectiva do entendimento, mas sim sob a ótica do coração. Isto já estabelece o nexos entre a saudade e o tempo” (LOURENÇO, 1999: 25).

A melancolia talvez seja a modalidade que realiza imbricações mais densas com o tempo. Assim, ela “[...] visa o passado como definitivamente passado e,

a este título, é a primeira e mais aguda expressão da temporalidade, aquela que a lírica universal jamais se cansará de evocar” (LOURENÇO, 1999: 13). Um de seus aspectos fundamentais se escuda justamente no jogo por ela empreendido no interior da memória. Neste sentido, a memória seria a portadora de registros dotados a princípio de vitalidade que, no entanto, não teriam sido experienciados em plenitude, quando constituíam o momento presente, tempo este fraturado, interrompido, cerceado pela ação de uma profunda fragilidade. Nesta direção, o presente é refém de um passado não vivido, não experimentado na integralidade, perda e defasagem de que, em última análise, se constitui e se nutre a melancolia. Há, por assim dizer, uma plenitude desperdiçada e perdida. Ocorre que as causas, a gênese e as motivações do bloqueio e da inibição existenciais atuantes no presente não se fazem conhecidas e explicitadas no mundo empírico, o que singulariza sobremaneira a sensibilidade melancólica. Assim, em relação à melancolia, pode-se afirmar que empreende relações bastante originais com o tempo. É ainda Lourenço quem observa:

A melancolia – porque não é uma modalidade, entre outras da sensibilidade e do sentimento, mas uma manifestação estrutural do ser humano, afetado pela sua relação com o tempo – não pode ser confundida com expressões contingentes da nossa existência como a tristeza ou a nostalgia. A tristeza e a nostalgia têm causas, origens e motivações identificáveis na ordem da experiência empírica dos homens. [...] Não é esse o caso da melancolia. Aquilo de que ela “fala” ou o que fala nela está fora da esfera empírica, apesar de alterar todo o nosso comportamento dito “normal” ao ponto de o tornar “anormal” ou “insano”, como diriam os antigos (LOURENÇO, 1999: 20).

Chega-se agora à modalidade que mais interessa aqui – a nostalgia. As experiências com a nostalgia também são provenientes das relações com o tempo pretérito. Mas, conforme o explicitado na citação acima, em tal modalidade torna-se possível o resgate das causas e motivos dos desconsertos no âmbito do mundo empírico e objetivo. Como observa Lourenço (1999: 13), “[...] a nostalgia fixa-se num passado determinado, num lugar, num momento, objetos de desejo fora do nosso alcance, mas ainda real ou imaginariamente recuperável”. Não são outros os aspectos que caracterizam a incursão nostálgica do personagem-narrador pelo Pelourinho e, principalmente, pela área do apartamento do Edifício Bola Verde, Ladeira do Tabuão. O retorno e a lembrança dos fatos pretéritos, agora revisitados e recuperados, talvez aconteçam por conta da solidão, do anonimato e da ameaça de perda de referências do seu mundo atual.

O exposto e qualificado em termos de relações com a memória permite que se estabeleçam diálogos com os

argumentos, a princípio inquietantes, elaborados pelo teólogo-filósofo Santo Agostinho. E ele reflete:

O que agora claramente transparece é que nem há tempos futuros nem pretéritos. É impróprio afirmar que os tempos são três: pretérito, presente e futuro. Mas talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras. Existem, pois, estes três tempos na minha mente que não vejo em outra parte: lembrança presente das coisas passadas, visão presente das coisas presentes e esperança presente das coisas futuras (SANTO AGOSTINHO, 1996: 327-328).

Aciona-se a memória como instrumento hábil com que se procede a recolha no passado de um significativo universo de traços e marcas. Faz-se valer “o presente das coisas passadas” com que se busca empreender o revigoramento do presente fragilizado. O personagem-narrador via devaneio fantasioso deseja o reencontro com aquele “presente das coisas passadas”, objeto de saudade e de nostalgia. A recuperação daquele tempo-espaco seria o escape da solidão, da fragmentação e dos contatos impessoais, aspectos vivenciados nos dias atuais. Há, assim, a busca de territórios existenciais que promoveriam a integração sujeito/espaco, num estágio em que se configuraria também “a esperança presente das coisas futuras”.

Em outra direção, o conto se apresenta como testemunho flagrante de possibilidades de leituras outras do Tabuão, espaco este agora captado a partir da recuperação de formas diretas e espontâneas de convivência. Desenham-se representações que plasmam um cotidiano distante do dia a dia mecanizado a ponto de provocar e até determinar fragmentações e transformações incisivas na maneira como se vivencia a geografia urbana.

Ao contrário do caráter destrutivo, de caos, sofrimento e fragmentação com que o Tabuão é representado nas narrativas de Jorge Amado, o apartamento do Edifício Bola Verde parece incorporar as noções do cosmos que se identificam com as imagens da casa descrita por Bachelard (1988: 24 e 36): “[...] a casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade, [...] porque é o nosso canto do mundo e é como se diz amiúde, o nosso primeiro universo”. O Tabuão, espaco da degradação desoladora, é aqui recuperado e se identificaria com a imagem bachelardiana que situa “[...] a casa como um verdadeiro cosmos, um cosmos em toda a acepção do termo” (BACHELARD, 1988: 24) como *locus* das referências de base, de início, tecidas no ambiente familiar. O local vem a ser o território afetivo, norteador e organizador das “experiências” – lugar da memória involuntária por excelência.

O texto da corrente e o conto, os locais descritos, as formas de utilização do espaco urbano hoje, os sentidos sociais e simbólicos dos espacos ou a fragilização deles, enfim, a gama de abordagens aqui empreendidas encaminha possibilidades de leituras de Salvador não a partir de princípios uniformes e polarizados e, sim, através da adoção de propostas híbridas. Como afirma Antonio A. Arantes (1994: 191):

[...] a experiência urbana contemporânea propicia a formação de uma complexa arquitetura de territórios, lugares e não-lugares, que resulta na formação de contextos espaco-temporais flexíveis, mais efêmeros e híbridos do que os territórios sociais identitários.

Através das formas de domínio e apropriação dos espacos, das preferências por utilização destes e não daqueles locais, enfim, através das relações com o espaco urbano da Salvador atual, como de resto com o de outras grandes cidades brasileiras ou não, desenham-se neste espaco comum fronteiras dotadas de importantes matizações. Neste sentido, “[...] vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou [...] ordenam os grupos sociais em suas mútuas relações”, arremata Arantes (1994: 191).

A ordenação de grupos sociais dotados de especificações e de cores simbólicas tão variadas não poderia se instalar em outro universo que não o grande *locus* de confluência contemporânea – a metrópole, aliás, a cidade grande. Na Salvador atual, grande e polissêmica, as nuances com que as relações com os espacos se apresentam simultaneamente desenham vivências instáveis e experiências densas. Ganha corpo assim a concomitância em vez da polarização, isto é, convivem os olhares que captam e experienciam significados simbólicos com as visões que vivenciam aspectos utilitários ou superficiais – “lugar” e “não-lugar”. Desenham-se assim formas diversas de viver a cidade do Salvador hoje. E Marc Augé observa:

[...] acrescentemos que existe evidentemente o não-lugar como o lugar: ele nunca existe sob uma forma pura: lugares se recompõem nele; relações se recompõem nele; as “astúcias milenares” da “invenção do cotidiano” e das “artes de fazer”, das quais Michel de Certeau propôs análises tão sutis, podem abrir nele um caminho para si e aí desenvolver suas estratégias. O lugar e o não-lugar são, antes, polaridades fugidias: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente – palimpsestos em que se reinscreve, sem cessar, o jogo embaralhado da identidade e da relação (AUGÉ, 1994: 74).

O conto capta e encaminha possibilidades de singularização no que concerne ao fato de o personagem

manipular mecanismos edificadores de uma “cidade subjetiva”, apta a conceder experiências de territorialização. Edificam-se assim universos promotores de territórios existenciais que esboçam relações integrativas. Enfim, pode-se afirmar que estas representações da Salvador contemporânea tematizam a cidade não só como cenário em que se urdem instâncias que massificam, uniformizam e desagregam, mas também como universo em que se tecem elos de integração e de individualização.

## Referências

- AMADO, Jorge. *Bahia de Todos os Santos*. Guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador. São Paulo: Martins, 1966. p. 97-100.
- ARANTES, Antonio. A guerra dos lugares. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*. Cidade. Brasília, IPHAN, n. 23, p. 190-203, 1994.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares*: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução de Maria Lúcia Pereira. 6. ed. Campinas: Papyrus, 1994.
- AYOUB, Cristiane Negreiros Abbud. O tempo espelho da alma, *Revista Cult*, Dossiê O Tempo, São Paulo, ano 13, n. 153, p. 63-65, dez. 2010.
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Padua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras; FERNANDES, Ana. Pelourinho: turismo, identidade e consumo cultural. In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (Org.). *Pelo Pelô*: história, cultura e cidade. Salvador: EDUFBA, 1995. p. 47-58.
- GOMES, Renato Cordeiro. O nômade e a geografia (Lugar e não-lugar na narrativa urbana contemporânea). *Semear 10, dez anos, dez temas: Revista da Cátedra Padre Antônio Vieira de Estudos Portugueses*, Rio de Janeiro, n. 10. Disponível em <[http://www.lettras.puc-rio.br/Catedra/revista/semiar\\_10.html](http://www.lettras.puc-rio.br/Catedra/revista/semiar_10.html)>.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss para a Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- LOURENÇO, Eduardo. *Mitologia da saudade*: seguido de Portugal como destino. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma agenda para a mudança de século. In: *Ofício de cartógrafo*. Travessias latino-americanas da comunicação na cultura. Tradução de Fidelina González. São Paulo: Loyola, 2004. p. 257-381.
- REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. Tradução de Ângela Bergamini et al. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- RIBEIRO, Carlos. O visitante invisível. In: *Contos de sexta-feira*. E duas ou três crônicas. Salvador: Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 2010. p. 21-23.
- ROUANET, Sérgio Paulo. *Édipo e o anjo*: itinerários freudianos em Walter Benjamin. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.
- SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 309-340. (Coleção Os Pensadores).
- SANTOS, Milton. Centro e centralidade na cidade contemporânea. In: GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras (Org.). *Pelo Pelô*: história, cultura e cidade. Salvador: EDUFBA, 1995. p. 11-29.
- SCHORSKE, Carl E. A cidade segundo o pensamento europeu – de Voltaire a Spengler. Tradução de Hélio Alan Saltorelli. *Espaço & Debates*: imagens e representação da cidade, Curitiba, ano 9, n. 27, p. 47-57, 1989.
- SOCHA, Eduardo. A invenção da duração. *Revista Cult*, Dossiê O Tempo, São Paulo, ano 13, n. 153, p. 67-69, dez. 2010.

Recebido: 22 de julho de 2011  
 Aprovado: 20 de agosto de 2011  
 Contato: carlosmagal@terra.com.br.